

A ASSOCIAÇÃO DOS NOVOS E IMPRENSA DE BELÉM A SERVIÇO DA INVENÇÃO DO MODERNISMO PARAENSE

José Francisco da Silva Queiroz¹ (UFPA)
Gunter Karl Pressler² (UFPA)

Resumo: Qualquer proposta de estudo historiográfico que se pretenda investigar a literatura produzida no Brasil no início do século XX tem a necessidade de confirmar as “narrativas” que tratam do “triunfo do modernismo brasileiro”. Como metodologia inconsciente todo pesquisador inicia seu trabalho investigativo reafirmando a vitória dos valores estéticos de vanguarda sobre a literatura “acadêmica”. Nas últimas décadas vários estudos foram publicados dando conta da integração ou da adesão das “províncias brasileiras” ao movimento reformador prenunciado pela Semana de Arte Moderna e institucionalizado nos Cursos de Letras. Recentes pesquisas compõem a tentativa de dar visibilidade a outros “modernismos”, que agora devidamente catalogados comporiam uma grande e hegemônica narrativa da modernização cultural brasileira. Unindo-se a esse espírito de celebração da “democratização do avanço literário” algumas teses de doutorado elegeram, dentro do cenário cultural de Belém do Pará, a Associação dos Novos (1920 – 1931) como o órgão precursor da novidade literária na Amazônia. Nesse artigo fazemos uma breve apresentação das principais referências que retomam a memória da Associação dos Novos sem, contudo, comprovar com fontes primárias a relevância desse grêmio literário no processo de produção de uma literatura que apresentou uma ruptura com o passado literário paraense e brasileiro.

Palavras-chave: Historiografia, fontes primárias, modernismo.

Introdução

Mesmo que a crise da produção de Histórias da Literatura já tenha sido apontada desde o final da década de 60 estudos com esse objetivo ainda continuam sendo feitos. Apesar de todo alarmismo crítico os novos manuais prosseguem despertando polêmicas e valendo-se, alguns deles, pela inserção ou pela reavaliação de autores dentro de um espectro cronológico. O potencial de uma pesquisa historiográfica não reside mais na

¹ Doutorando em Estudos Literários. E-mail: jfranciscosq@gmail.com

² Professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Pará (Graduação) e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Belém e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia – Bragança.

abrangência de séculos de produção “literária”, nem mesmo no apanhado informativo sobre a vida de seus autores, muito menos na busca por ideais nacionais.

A função de uma História da Literatura deve ser a de discutir o cânone instituído por trabalhos “tradicionais”, firmando-se como uma investigação que reconheça além da recepção de livros, a circulação de propostas estéticas que interferem e modificam a própria concepção de criação literária. Assumir essa maior complexidade de uma investigação historiográfica incide na ampliação do conceito de fenômeno literário; o que nos permitiria trazer para semelhante discussão a análise da correspondência dos autores, os paratextos das obras, a crítica jornalística e finalmente a recepção feita dentro do ambiente acadêmico. A investigação que se vale apenas da triangulação autor-obra-público mostra-se incapaz de explicar ausências e permanências dentro do ensino sistematizado da literatura nacional.

No caso da literatura produzida à margem das grandes capitais culturais brasileiras a sua recepção costuma ser tendenciosa, e na maioria das vezes, excludente. O que se chama de “história da literatura brasileira” é somente uma redução que interessa evidenciar alguns centros culturais e os estudiosos que ali residem. A Amazônia, “um subúrbio abandonado do Brasil”, como escreveu Raul Bopp em carta a Joaquim Inojosa, permanece “à margem da história”, título do livro póstumo de Euclides da Cunha, autor que contribuiu mesmo sem querer para a formação de uma ideia negativa sobre as capitais do Norte do Brasil. Com a literatura produzida durante as transformações trazidas pelo Modernismo a Amazônia passou a existir como motivo literário a partir das obras *Macunaíma* (1928) e *Cobra Norato* (1931); e elas parecem bastar para a representação desse espaço geográfico dentro do debate e da história literária, o que nos levaria a pensar que nada do foi produzido em Belém, por exemplo, tenha valor literário ao ser comparado a esses dois livros.

As poucas referências à vida literária paraense ficam por conta de alguns ensaios e crônicas de autoria de Peregrino Júnior e de Raul Bopp. Os dois escritores tiveram a experiência de morar em Belém, dialogando com grupos intelectuais da cidade e ao saírem dessa capital fixando residência anos depois no Rio de Janeiro, onde o futuro os reservaria a eleição ao silogeu da Academia Brasileira de Letras, tornaram ambos no elo entre a “selva” e a “civilização”. Com o ensaio *Modernismo* (1969), Peregrino Júnior compôs o parágrafo antológico sempre citado por pesquisadores do Modernismo brasileiro na tentativa de suprir a falta de conhecimento sobre a literatura produzida no Norte do Brasil.

Quero referir-me ao movimento do grupo da revista *Efemeris*, chefiado por Lucídio Freitas, Tito Franco, Dejard de Mendonça, Alves de Souza, e que representou uma carajosa e afoita tentativa provinciana de renovação literária. Quem compulsar a coleção da *Efemeris* – até materialmente original, discreta, diferente – verá que o “grupo paraense” merecia a atenção dos críticos e dos historiadores literários do nosso tempo. Esse movimento, de resto, mostrava como as sementes do Modernismo estavam soltas no ar, há longo tempo, esperando apenas condições adequadas para germinar e frutificar... (JÚNIOR, 1969, p. 14).

Mesmo que a “dica” fosse válida e a pesquisa a esse magazine trouxesse novas informações para a compreensão da literatura modernista no Brasil; hoje infelizmente essa investigação mostra-se impossível, pois apenas o primeiro exemplar desse magazine está disponível na Biblioteca Pública Arthur Viana em Belém. Semelhante ausência do material que poderia comprovar ou não a relevância inovadora da imprensa paraense revela o descuido com as fontes primárias impedindo o trabalho historiográfico de mostrar o diálogo entre as Províncias e as Capitais. Raul Bopp com o opúsculo *Movimentos Modernista no Brasil: 1922 – 1928* (1966), pretendeu também oferecer um vislumbre da presença dos valores modernistas na Amazônia, mas repetindo a fórmula usual de historiografia literária de então limitou-se a citar alguns nomes, referir-se a um “grupo” formado por dois membros e pronto, assim resumia-se toda a dinâmica literária desenvolvida em Belém e em Manaus.

Em Belém, o grupo *Flaminiaçu*, com Abguar Bastos e Eneida; e em Manaus, o pessoal da revista *Redenção* agitaram a atmosfera de interesse pelo movimento modernista. Destacava-se, neste grupo, Nunes Pereira, profundo conhecedor de assuntos indígenas, estudados em suas fontes locais. Peregrino Júnior prestou também uma valiosa colaboração a esse movimento (BOPP, 1966, p. 56).

Tais exemplos servem somente como índice da prática excludente, ou desinteressada, que imperou durante um longo período na produção dos manuais de História da Literatura Brasileira, desencadeando nos primeiros Cursos de Letras, criados entre as décadas de 1930 a 1940, uma percepção estreita do fenômeno literário nacional. A região brasileira que ganhou a alcunha de “inferno verde”, cujo clima “caluniado” favorecia o seu “isolamento” do resto do país mostrava-se também destituída de pesquisas que buscassem compreender como se desenvolveu a literatura de apelo moderno em uma capital como Belém. Graças aos trabalhos pioneiros de Aldrin Moura de Figueiredo, *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929*

(2001); e, de Marinilce Oliveira Coelho, *Memórias Literária de Belém: o Grupo dos Novos* (2003); começamos a compreender essa dinâmica de um suposto Modernismo amazônico.

Talvez como um sintoma do esgotamento de um modelo de pesquisa historiográfica que se manteve reforçando paradigmas, afirmando a primazia do Centro em detrimento das “periferias literárias”, as teses desses professores articulam a necessidade de conhecer “como os movimentos locais responderam aos movimentos mais amplos, nacionais ou mesmo regionais da literatura” (ARAÚJO, 2013, p. 109). Assim, a constatação da falência de um modelo historiográfico não deve ser encarrado como uma forma de invalidar outras pesquisas que ainda poderão contribuir para a compreensão de uma dinâmica literária pensada dentro de um novo molde norteador. O que se nega como procedimento metodológico e avaliativo são as Histórias da Literatura incapazes de admitir seus limites materiais, suas preferências ideológicas e a repetição de paradigmas. A percepção de um impasse permite que novas iniciativas e propostas venham a suprir as lacunas deixadas pelas convencionais investigações historiográficas. O que nos permitiria reconhecer

The writing of literary histories is confronted today will require a much more profound effort of thought and reconsideration than all the provocations that had emerged from the centrifugal but altogether productive proliferation of questions and new paradigms in literary history during the twentieth century. Today, it becomes clear that a new start for literary history would presuppose a series of discussions, answers, and solutions that cannot be produced by literary studies alone” (GUMBRECHT, 2008, p. 528).

Nossa proposta de investigação historiográfica afinada com a reflexão oferecida por Gumbrecht pretende trazer respostas e não mais alarmismo. Ao problematizarmos os limites das histórias da literatura brasileira, obras que instituíram o Cânone, esse conjunto de “verdades” que hoje tentamos reinterpretar e ampliar; mostra-se necessário questionarmos o discurso afirmativo e a pouca abrangência analítica em detrimento ao enorme apanhado cronológico pretensamente preocupado com os “grandes autores”.

As pesquisas que citamos anteriormente, embora sua importância e pioneirismo discutem o desenrolar histórico-literário do Modernismo no Pará por meio de alguns manifestos publicados em magazines; porém, sem darem aos textos literários ali presentes a devida atenção, omitindo os textos literários ali presentes. Além disso, não conhecemos, com a devida propriedade catalográfica e crítica, quais produções literárias foram publicadas em formato de livro efetivando os discursos ideológicos da cada momento

distinto dos movimentos literários locais. Não é possível, pela falta de conexão ente os fatos, os textos e os autores, pensarmos em um sistema literário que seja capaz de representar o esforço de um conjunto de escritores ao longo das décadas.

A primeira tentativa de dar consistência a um movimento literário que propôs renovação aos fazeres literários em Belém e dialogou com os principais autores do Modernismo nacional fica por conta do opúsculo *Graça Aranha e o Modernismo no Pará*, de autoria de José de Campos Ribeiro, publicado a primeira vez em 1969 e reeditado em 1973. A proposta textual utilizada por De Campos Ribeiro não se utiliza da citação a qualquer fonte, nem mesmo se presta a argumentar baseando-se em textos ou referências a produções literárias, o que o autor realiza em seu “despretensioso trabalho” consiste somente na criação de uma lista de nomes que em nada ajuda o leitor comum ou o pesquisador acadêmico a entender o que tenha sido a Associação dos Novos.

De início, a Associação dos Novos contava apenas com Paulo de Oliveira, seu idealizador; Wenceslau Costa, De Campos Ribeiro, Waldemar Lisboa Messias, R. Nonato, Edgar de Brito Pontes, Mário Plátilha, Luís Moraes, A. Ribeiro de Castro. Depois, outros chegaram. Clóvis Gusmão, o nosso Benjamim; Santana Marques, Lauro Paredes, Farias Gama (...); Abguar Bastos; Júlio Nazaré de Sá; Benedito Cordeiro, para quem o pecado tinha cheiro branco; Bruno de Menezes, que vinha de uma geração anterior; Luís Teixeira Gomes e Lindolfo Mesquita, poetas humoristas de cintilante verve, escrevendo sob os pseudônimos, respectivamente, de Jacques Flores e Zé Vicente; e uma mulher, Brites Mota, bela mulher e poetisa brilhante (...) (RIBEIRO, 1973, p. 21).

Em 1990 a Academia Paraense de Letras publicou uma tentativa de história da literatura paraense, a qual chamou de *Introdução à Literatura Paraense*, obra extremamente confusa e que serve nos seus 8 volumes como um dicionário para saciarmos a curiosidade sobre alguns dados da vida de escritores esquecidos. A pesquisa que deu origem a essa série de livros contou com a participação de três autores, sendo o responsável pela investigação das primeiras décadas do século XX o acadêmico José Ildone. As afirmações feitas por esse autor também sustentam um discurso que não possui qualquer referencialidade, nenhum documento literário ou fonte primária é revelado para que possamos entender como a Associação dos Novos funcionou e quais foram suas principais realizações artísticas iconoclastas.

Reunir para fortalecer-se, em busca de novos caminhos – eis o objetivo que norteava a juventude, abancando estudantes, jornalistas e poetas, principalmente. Com esse objetivo surgiu em 14 de julho de 1921, a

Associação dos Novos, ideia de Paulo de Oliveira, conforme De Campos Ribeiro. Reunir aos domingos, a princípio organizando os estatutos, depois promovendo palestras literárias, sessões cívicas e debates envolvendo a vida associativa. Foi seu presidente Farias Gama que, apesar do curto período de vida, publicou três obras em prosa e verso. O órgão de divulgação da entidade foi, a princípio, A Semana, de Alcides Santos e depois a Belém Nova, importante revista de que tratarei mais adiante, e que reunia valores inegáveis das Letras do Pará, como Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Paulo de Oliveira, A. Ribeiro de Castro, Elzeman de Freitas, Venceslau Costa, Mário Plátilha, Benedito Serrão, Clóvis Gusmão, Jacques Flores (Luiz Teixeira Gomes), Lindolfo Mesquita, Martins Santana, Antônio Tavernard. Era a musa dos “novos” (como Paulo de Oliveira foi o grande “animador” do grupo), segundo Abguar Bastos, - Brites Mota, poetisa estuante e talentosa, alegre e bonita, cuja poesia lembrava a de Virgínia Vitorino (ILDONE, 1990, p. 174).

Se documentos faltam para expressar essa condição de pioneirismo dos escritores do Pará existe a possibilidade e o empenho de criar uma narrativa capaz de sublimar as ausências e afirmar por meio do discurso descritivo uma história coerente. A tese de doutorado de Aldrin Moura de Figueiredo, *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929* (2001), conseguiu transformar as incongruências das listas de artistas desconhecidos em uma potência criadora de arte de vanguarda. O texto de Aldrin Figueiredo parece possuir mais substância por não incorrer nas listas que nada dizem sobre um movimento literário. A sua estratégia argumentativa baseia-se na ativação de um repertório conceitual da crítica e da historiografia literária que nos encaminha a aceitar como eventos históricos factuais um conjunto de conceitos sem conexão com referências textuais. O brilhantismo da argumentação reside em repetir nomes de escolas literárias, eventos e datas, tudo associado a novos dados que pela proximidade vocabular semântica indicam coincidência de princípios e procedimentos. Se o leitor contentar-se com a clareza da argumentação e não buscar as fontes o discurso científico funda uma realidade histórica e historiográfica.

Logo nos primeiros números da revista (*Belém Nova*), apareceram os sinais da “adesão” ao movimento paulista, cujo marco de fundação acabou sendo a Semana de Arte Moderna de 1922. Havia, no entanto, muita incerteza sobre o que queriam aqueles jovens do Sul, quais suas propostas e o que defendiam. Havia também muita similitude de propósitos, tanto que alguns nomes que não tiveram qualquer participação na agitação paulista, passaram a figurar entre os fundadores do modernismo brasileiro e até confundidos entre os participantes da Semana (...). O parnasianismo foi o principal alvo do destempero dos jovens. Por mais que os velhos poetas fossem aceitos nas solenidades

mais pomposas e nas sessões da revista, fugia-se deles nos encontros mais íntimos (FIGUEIREDO, 2001, p. 225 – 226).

Influenciada pelo trabalho de Aldrin Moura de Figueiredo, a tese de doutorado de Marinilce Oliveira Coelho, *Memórias Literárias de Belém do Pará: O Grupo dos Novos (1946 – 1952)* (2003), também reproduz o discurso da “adesão ao modernismo” associado à ruptura dos poetas da Associação dos Novos com a geração anterior. O modo de argumentação acadêmica consolida o conhecimento, os vocábulos que trazem a ideia de novidade e renovação surgem solidificando a proposta de que a modernização literária e cultural foi uma ideia partilhada em todas as latitudes brasileiras.

De qualquer modo, pela análise dos textos publicados na revista modernista paraense, percebe-se a atitude do movimento literário local de receber e ampliar o ideal de renovação estético nacional, visto que o movimento da Belém Nova avançava em sentido contrário ao movimento local anterior a este, do qual participou Eustáquio de Azevedo. Belém Nova, “embrião da nova geração moderna do Pará”, juntou “novos e velhos numa ambiciosa empresa literária” vinculada ao presente, sinalizando a preocupação com o regional e o nacional, consciente de um “Sul” do país que “irradiava novidade” e “ignorava” a literatura do “Norte” (COELHO, 2003, p. 54).

A culminância de uma narrativa triunfante da ideia modernista é feita de maneira positiva, não deixando espaço para que em sua tessitura objetiva transpareça a manutenção de um discurso consagrado e que precisa disseminar-se encontrando no formato acadêmico o melhor veículo textual para efetivar esse intento. Os elementos de um enredo vitorioso se organizam nos textos acima: um órgão de intelectuais para dar suporte aos interesses de uma comunidade literária, textos acadêmicos para legitimar aqueles produzidos sem o devido rigor metodológico e científico, e tudo converge para a “adesão” aos valores estéticos da grande Capital brasileira. Subsiste ainda o traço de um militar proselitismo quando os autores são apresentados como “assimilados” ou “convertidos”.

Tais evidências apresentadas nos levariam a crer que a existência da Associação dos Novos foi uma tentativa louvável e corajosa de trazer o modernismo para Belém. Essa é uma pequena amostra do que se esconde em meio aos porões da historiografia do Modernismo brasileiro, seja em qual latitude desejarmos investigar, acabaremos percebendo que o cânone costuma ser “um repositório das lendas e dos mitos heroicos que se foram cristalizando em redor de uma verdade bem mais simples” (MARTINS, 1965, p. 64).

Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. “As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes”. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de. *Literatura Brasileira: região, nação, globalização*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 107-130.

BOPP, Raul. *Movimentos Modernistas no Brasil: 1922 – 1928*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.

COELHO, Marinilce Oliveira. *Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946 – 1952*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908 – 1929*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Unicamp, 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Shall we continue to write Histories of Literature?* In. *New Literary History*. Vol. 39, Number 3, Summer 2008, pp. 519 – 532. (Article).

ILDONE, José; CASTRO, Acyr; MEIRA, Clóvis. *Introdução à literatura no Pará*. Belém: Cejup, 1990.

JÚNIOR, Peregrino. *Três Ensaio: Modernismo, Graciliano, Amazônia*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1969.

MARTINS, Wilson. *Modernismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.

RIBEIRO, De Campos. *Graça Aranha e o Modernismo no Pará*. 2ª ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973.